

**O rock and roll não morreu, e não vai morrer¹:
a cena musical do rock na cidade de Ponta Grossa/Paraná**

*Rock and roll did not die, and will not die:
the rock music scene in the city of Ponta Grossa / Paraná*

Daiani Martins MACHADO²
João Irineu de Resende MIRANDA³

Resumo

A música é capaz de reunir as pessoas e, também, desenvolver uma cidade por meio da cultura, tanto social quanto economicamente. O presente artigo tem como objetivo determinar se existe uma cena musical do rock na cidade de Ponta Grossa/Paraná. Para tanto, será utilizado como base a conceituação de cena musical elaborada por Will Straw, relacionando-a com a temática escolhida e com os documentos referentes aos festivais e eventos da cidade paranaense dos quais as bandas e demais atores participam, bem como material divulgado nas mídias sociais e mídia tradicional. Os resultados encontrados indicam que existe uma cena musical do rock na cidade de Ponta Grossa/Paraná, atendendo os requisitos mínimos apontados por Will Straw e demais autores.

Palavras-chave: Cena musical. Rock. Cultura.

Abstract

Music is able to bring people together and also develop a city through culture, both socially and economically. This article aims to determine if there is a rock music scene in the city of Ponta Grossa / Paraná. To this end, Will Straw's conceptualization of the music scene will be used as a basis, relating it to the chosen theme and to the documents referring to festivals and events in the city of Paraná in which bands and other actors participate, as well as material published in social media and traditional media. The results found indicate that there is a rock music scene in the city of Ponta Grossa / Paraná, meeting the minimum requirements pointed out by Will Straw and other authors.

Keywords: Music scene. Rock. Culture.

1 Trecho da música “O rock and all não morreu” da banda Garimpeiros da Lua, de Ponta Grossa/Paraná

2 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: daianimartinsmachado@gmail.com

3 Professor Doutor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: joaoirineu78@gmail.com

Introdução

Desde o início da sociedade, as pessoas tendem a se relacionar com seus semelhantes, os quais possuem interesses em comum. Quando o assunto é cultura isso não seria diferente. Os indivíduos se socializam em eventos e locais para compartilharem de gostos comuns, formando, às vezes sem querer ou saber, grupos com uma identidade própria que os caracteriza.

A cena musical pode se encaixar neste cenário, caracterizando grupos pelo seu interesse pela música e tudo que ela pode representar. Por conseguinte, o presente trabalho tem como objetivo verificar se existe uma cena musical do rock na cidade de Ponta Grossa, no Paraná. Para que determinado fenômeno social seja considerado uma cena musical, é necessário que indivíduos estejam, ao menos, reunidos em um determinado local, que ocorra a movimentação de espaços, atividades, relacionamentos e economia, bem como a troca de experiência e a identificação entre os pares (STRAW, 2006). A caracterização como cena implica em uma maior divulgação do movimento cultural e da afirmação de uma identidade própria, com consequências sociais de ordem positiva variadas – como o grunge em Seattle e o Manguebeat no Recife. A cidade de Ponta Grossa tem-se caracterizado pela presença de alguns desses elementos, tais como bandas e eventos culturais. Neste sentido, é importante determinar taticamente se esses elementos estão previstos.

Foi realizada revisão de literatura, agregando conhecimentos relacionados com o assunto estudado a fim de fundamentar e aprofundar o tema com autores relevantes. Também foi feita pesquisa documental indireta, em que se pode ter acesso a tudo que já foi discutido sobre o assunto, documentado ou filmado (LAKATOS, MARCONI, 2003). Foram coletados documentos referentes aos eventos realizados com o apoio da prefeitura do município de Ponta Grossa, bem como material publicado em jornais, revistas, blogs, redes sociais, YouTube e noticiados via internet sobre o tema no período de 2015 a 2020.

Assim, o artigo está dividido em duas partes principais. A primeira, teórica, identificando os conceitos fundamentais e relevantes para a compreensão da temática. A argumentação foi elaborada por meio das discussões de autores como Norberto Bobbio, Maria da Glória Gohn, Stuart Hall e Will Straw.

A segunda parte do trabalho pretende responder a questão se existe uma cena musical do rock em Ponta Grossa/Paraná. Foram utilizados os documentos coletados com a Fundação Municipal de Cultura, aos quais trazem informações sobre os eventos que envolvem as bandas locais, bem como dados sobre eventos de iniciativa privada. Além disso, também foram utilizadas notícias, redes sociais e canais de YouTube que forneçam dados relevantes a pesquisa.

A pesquisa, portanto, mostra que a cidade de Ponta Grossa/Paraná possui uma cena musical do rock, não apenas incentivada pela iniciativa pública como promovida, também, pela iniciativa privada.

Democracia e cena musical: conceitos que se encontram

O Estado Democrático pretende garantir aos cidadãos direitos nas mais variadas esferas. A Democracia, sem entrar no mérito das discussões críticas sobre o tema que não são o foco do presente trabalho, divide-se em espécies como a liberal e a de países socialistas. Porém, o que elas têm em comum está na característica de prover condições para o livre e completo desenvolvimento das fundamentais capacidades humanas dos membros que fazem parte de tal sociedade (BOBBIO, MATTEUCCI, PASQUINO, 1998). Dentre os pontos para o desenvolver a plena capacidade dos indivíduos, pode-se mencionar a cultura, presente na vida do ser humano desde os primórdios.

O termo *Culture* é um refinamento feito pelo antropólogo britânico Edward Burnett Tylor dos termos *Kultur* – referente as questões espirituais da sociedade – e *Civilization* – o qual tratava das conquistas materiais (LARAIA, 2008). Tylor apresentou a primeira definição do termo, no qual afirma que cultura, bem como civilização, é uma totalidade que reúne crenças, conhecimentos, moral, costumes, artes, direito e demais competências e práticas que o indivíduo adquire por viver em sociedade (CUCHE, 2002).

Stuart Hall (2003), por sua vez, destaca que o conceito de cultura é complexo, em que convergem interesses ao invés de uma definição clara e lógica. Para conceituar o termo, o autor utiliza as formulações criadas por Raymond Williams, discutindo duas problemáticas principais. Em uma delas, Hall (2003) descreve cultura de maneira antropológica, referente às práticas sociais. Ele afirma que Williams adotou, nesta ênfase, o aspecto documental, ou seja, “(...) descritivo ou mesmo etnográfico” (HALL,

2003, p. 127). A outra problemática discutida pelo autor, segundo o próprio a definição central, seria “(...) à soma das descrições disponíveis pelas quais as sociedades dão sentido e refletem as suas experiências comuns” (HALL, 2003, p. 126). Assim, a cultura é democratizada e socializada, não remetendo a ideia de perfeição, mas sim referindo-se às ideias, em um trabalho reestruturado (HALL, 2003).

Nesta esteira, encontram-se os movimentos culturais, os quais definem o que deve ser combatido e garantido em termos não propriamente sociais (TOURAINÉ, 2006), fazendo, aqui, relação com as condições necessárias para o desenvolvimento pleno e livre das capacidades dos indivíduos, promovendo, assim, a democracia. Ao abordar os movimentos culturais, no entanto, é necessário fazer a separação deles com os movimentos sociais.

Os movimentos sociais são, nas palavras de Maria Glória Gohn (2011), ações sociais da coletividade que podem ter caráter tanto cultural como sociopolítico, capazes de fazer com que diferentes formas de população possam se expressar e organizar suas demandas. Utilizam diferentes estratégias que perpassam pela denúncia, pressão direta (como marchas, passeatas, mobilizações, atos de desobediência civil, entre outros) e pressão indireta, e, atualmente, utilizam novos meios de comunicação, como a internet (GOHN, 2011).

Os movimentos culturais, no que lhe concerne, concentram-se na assertiva dos direitos culturais, ressaltando diretrizes que uma sociedade pode tomar em termos de cultura (PICOLOTTO, 2007). Seriam, portanto, movimentos preocupados com a consolidação de uma pertença, em que se pode, como exemplos, destacar o movimento ecologista e o movimento feminino (GOSS, PRUDÊNCIO, 2004). Isto denota que a cultura e seus movimentos são capazes de agregar e motivar os indivíduos, seus comportamentos e condutas (ARROYO, 2003).

Os movimentos culturais, portanto, acentuam os direitos relativos ao tema, mostrando que a cultura não é uma área sem conflitos, mas sim que pode trazer discussões pertinentes e relevantes. Partindo desta premissa dos movimentos culturais, pode-se adentrar na cena cultural. Entende-se por cena cultural uma trama de relações baseada em troca de informações específicas, espaços para o convívio dessas pessoas comuns, e eventos culturais e artísticos que tenham cunho político, estético ou comportamental, grosso modo, determinado (BEZERRA, FERREIRA, LA BARRE, 2011).

Os indivíduos que participam desta rede de relações compartilham referências culturais e estéticas e constroem a partir delas um universo simbólico comum, no qual essas referências são hierarquizadas conforme critérios de valoração sujeitos à mudança, num processo denominado por Pierre Bourdieu de “dinâmica do campo”. Para Bourdieu, entende-se por “Campo” a constituição de um espaço social marcado por relações de solidariedade e concorrência em torno de um bem simbólico comum. (BEZERRA, FERREIRA, LA BARRE, 2011, p. 1-2)

A definição de cena cultural, desta forma, designa atividades socioculturais que se unem em decorrência da localização que se encontram e/ou pela categoria de produção cultural desenvolvida por determinado grupo (GUERRA, MOREIRA, SILVA, 2016). A ideia de campo, mencionada anteriormente, foi teorizada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. De acordo com o autor, os campos por ele descritos são espaços e/ou microcosmos, parcialmente autônomos, composto por suas próprias leis sociais (BOURDIEU, 2004). Ainda, todo campo possui lutas e forças, tanto internas quanto externas, capazes de manter ou transformar determinado campo, e seus agentes são dotados de capital (social, cultural, simbólico, entre outros), o qual determina a estrutura e reconhecimento (BOURDIEU, 2004). Portanto, um campo não se orienta-se completamente ao acaso, implicando, em si, as relações de força os capitais envolvidos e os agentes nele inscritos, sendo “[...] objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade” (BOURDIEU, 2004, p. 29)

[...] elaborei a noção de campo. [...]. Digo que para compreender uma produção cultural (literatura, ciência, etc) não basta referir-se ao conteúdo textual dessa produção, tampouco referir-se ao contexto social contentando-se em estabelecer uma relação direta entre o texto e o contexto. [...] Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois polos, muito distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo de campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, representam ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas (BOURDIEU, 2004, p. 20)

Em meio a esta contextualização sobre campo, é possível afirmar que o campo da cena cultural em que os bens musicais poderiam ser o bem simbólico comum que promove tanto a concorrência quanto a solidariedade entre seus membros pode ser a cena musical.

Will Straw (2012) é um dos estudiosos mais mencionados sobre o tema cena musical, e ele afirma que a falta de uma rigorosa metodologia a ideia de cena é intrínseca a esta, porque entre os diversos estilos, práticas e valores, não se pode ter uma fórmula engessada. De acordo com Straw (2012), em entrevista concedida a Jeder Janotti Junior, o termo cena vem a ser utilizado como um significante de outras análises com o objetivo de equilibrar a inclinação que se tem de produzir modelos rígidos. Para ele, “[...] ‘cena’ requer que se passe na prática localizada a uma conceituação mais ampla de sociabilidade cultural e teatralidade” (STRAW, p. 5, 2012). Straw declara que cena pode se referir a diversas questões, as quais ele elenca: união de indivíduos em um determinado espaço; movimentação destes indivíduos de um espaço a outro; todos os locais e atividades que permeiam e mantêm a preferência particular; as ruas nas quais a movimentação ocorre; as atividades econômicas que envolvem e relacionam a cena com a sociedade; o fenômeno geográfico mais amplo no qual o movimento se insere (STRAW, 2006). A noção de cena aplicada a Straw permite reunir em termos teóricos o que era utilizado tanto pela mídia como pelos próprios agentes. “Em outras palavras, podemos afirmar que visualizamos não somente o que os participantes dizem, o que eles escutam e por onde eles andam, mas também e principalmente, o que eles fazem nos espaços dessas práticas sociais.” (QUEIROZ, 2019, p. 35).

De acordo com Straw (2015), a ideia de cena transcende o universo estrito da música e parte para outros locais, como restaurantes, cafés e bares, fazendo com que a noção do que seria a cena musical ganhe outras possibilidades. Pode-se, assim relacionar com a ideia de cena apresentada por Jeder Janotti Jr (2012), sendo esta um contorno sem os contornos determinados, mas em concepção capaz de nominar as experiências bem como os escoamentos de caráter identitário, econômico e estético. Pode-se dizer, desta maneira, que a cena musical é a comunidade desejada por aqueles indivíduos que buscam suas identidades em outros que compartilham de gostos, experiências e hábitos.

Dessarte, tem-se pontos para se conceber uma cena musical, que podem ou não incluir, segundo Tobias Arruda Queiroz (2019, p. 39):

[...] a estrutura (gravadoras, bares, pubs, selos, estúdios, espaços para apresentações); uma determinada infraestrutura (incluindo mobilidade urbana, intermunicipal e entre países, que facilita o intercâmbio e ainda apresentações de bandas ao vivo, por exemplo); alguns signos (elementos presentes no compartilhamento da cultura mercadológica

da música); produção científica e tecnológica (formação de recursos humanos qualificados e também profusão de veículos de meios de comunicação que fortalecem o circuito de difusão das sonoridades); o econômico (do simples acesso a comprar um instrumento musical à possibilidade de potencializar a circulação de música através de compras/trocas de artefatos).

Assim, vale ainda ressaltar a consideração apontada por Straw (2013), o qual afirma que a importância da música vai além da interação entre os indivíduos da cena. Esta pode garantir investimentos comerciais capazes de produzir locais novos de socialização inscrevendo a história por meio das formas sociais nos espaços da cidade (STRAW, 2013, p. 15). A cena musical é um modelo particular de contexto cultural urbano e codificação espacial, pois, através dela, é viável observar diversos elementos que compõe tal cenário, como afiliações, circuitos, práticas culturais, pontos de contato e dinâmicas identitárias, bem como a produção e comercialização que o contexto pode fomentar (FREIRE FILHO, FERNANDES, 2005).

Desta forma, é possível avaliar que a cena musical e a democracia são conceitos que podem se encontrar, haja vista que a união de indivíduos para realizar a cena é capaz de promover a cultura por meio de ações – públicas e privadas – e as capacidades humanas de sociabilidade nos espaços de convívio no qual o cenário ocorre.

Diante do exposto, é possível analisar se existe uma cena musical do rock na cidade de Ponta Grossa utilizando os pontos elencados e argumentos dos autores acima destacados.

Cena musical do rock em Ponta Grossa

Ponta Grossa é um município paranaense localizado na região dos Campos Gerais, destacando-se pelos seus atrativos naturais e seu entroncamento rodod-ferroviário. Com mais de 330 mil habitantes, de acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2014, a cidade possui, ainda, manifestações culturais que a tornam reconhecida como um polo tanto cultural quanto turístico (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA, s/d).

Segundo estudo sobre os hábitos culturais dos habitantes do município, feito pela CCR RodoNorte, com o apoio da Fundação Municipal de Cultura de Ponta Grossa, em 2015, 12% dos entrevistados praticam atividades culturais (assistir filmes, ouvir música, ler, etc) em seu tempo livre. Esta mesma pesquisa aponta que 99% tem como

principal atividade realizada o ato de ouvir música, 54% foram em festas populares, 46% saíram para dançar e 31% foram em shows (CCR RODONORTE, 2015). O estudo ainda declara que 13% da população tem como estilo de música preferido o rock, ficando este atrás do sertanejo, MPB, samba e pagode, respectivamente, o que não significa dizer que a cena musical do rock não seja relevante. O que precisa se constatar é que de modo ela existe, por meio de seus atores, locais, eventos e ações de iniciativa pública e privada.

Um dos principais eventos musicais que acontecem na cidade é o projeto cultural “Sexta às Seis”. A iniciativa começou em 1989 diminuir o fluxo de passageiros no transporte público da cidade, haja vista que não existia um terminal central e as pessoas se concentravam nos pontos de ônibus da Praça Barão do Rio Branco, no centro. Assim, a prefeitura, com o apoio da Fundação Municipal de Cultural, criaram o “Sexta às Seis”, para que os cidadãos ficassem assistindo aos shows e utilizassem o transporte uma hora mais tarde, fazendo com o horário de superlotação – no período de 18h a 19h – fosse normalizado (ANDRADE, MONASTIRSKY, 2017). O projeto aconteceu até 1992, voltando em 2005 no mesmo local – que agora já não concentrava o grande número de pessoas de antes, pois havia sido construído o Terminal Central de Transporte Urbano.

A volta dos espetáculos, nessas novas condições – sem os problemas que lhe deu origem -, já apontava que o projeto se firmara diante da sociedade com novos objetivos: disseminar música em espaços públicos para os cidadãos da cidade e oportunizar que músicos locais pudessem apresentar os seus trabalhos (ANDRADE, MONASTIRSKY, 2017, p. 3)

O projeto foi paralisado em 2008, devido as críticas de que o barulho importunava a vizinhança, e retomou em 2014 em um novo local, o Parque Ambiental, aonde ainda acontece, com o intuito de incentivar as bandas locais. Assim, o edital requisitava que as bandas inscritas deveriam ser do estilo rock e suas variações, caracterizando o evento e fortalecendo a cena musical do rock em Ponta Grossa (ANDRADE, MONASTIRSKY, 2017). Foi em 2017 que a Fundação Municipal de Cultura optou por dar oportunidade para bandas e grupos de outros estilos se inscrevessem para o projeto e, em 2018, o Sexta às Seis teve seu recorde de 94 bandas inscritas, em que 20 delas foram selecionadas e receberam prêmios pagos pelo município. (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA, 2018). As bandas e

grupos musicais passam por uma avaliação às cegas, feita por uma comissão, em que se levam em conta a qualidade técnica da execução do material enviado, ou seja, a harmonia, o arranjo, a afinação e o timbre.

De acordo com dados fornecidos pela Fundação Municipal de Cultura⁴, entre as edições de 2014 a 2019 do projeto, 244 bandas ponta-grossenses foram inscritas, 104 já tocaram no evento – majoritariamente características do *rock and roll*, aconteceram 181 shows em 79 sextas-feiras, e R\$ 116.000,00 foram pagos em prêmios aos músicos.

O Festival de Música é outro evento municipal que tem como objetivo democratizar o acesso à cultura promovendo apresentações em espaços alternativos, sendo que todo o investimento do projeto vem da prefeitura (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA, 2019). O projeto começou em 2009 com o nome Festival de Inverno de Ponta Grossa e, apenas, em 2016 firmou-se com o nome conhecido atualmente⁵. Como explicitado anteriormente, o festival acontece em diversos locais e, por isso, divide-se em duas categorias: Circuito Música de Rua, em que as apresentações acontecem nos terminais de ônibus, calçadão e praças; e Circuito Música para Todas, em que as atrações se apresentam em instituições sociais, escolas, asilos e penitenciária (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA, 2019).

O Festival de Música é um evento que abre espaço para bandas e grupos musicais de outras cidades e regiões se apresentarem. No entanto, um palco específico seleciona bandas apenas do município de Ponta Grossa, que é o Palco Novas Sonoridades, montado no Parque Ambiental. Todas as bandas selecionadas pelo festival em 2019 tinham “um pé” no rock e apresentaram composições próprias como incentivo a produção autoral (PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA, 2019).

Na mesma ideia de eventos que acontecem para que a população possa assistir em espaços públicos sem a cobrança de ingressos, existe o projeto Bateras Day, organizado pelo músico e professor de bateria Ricardo Mattioda. Realizado a primeira vez 2015, o evento tem o objetivo de reunir bateristas de todas as idades, com ou sem experiência, para formar uma grande orquestra que toca clássicos do rock. A única exigência, além da taxa de inscrição, era que o baterista tivesse seu próprio kit para levar e montar no lugar destinado no dia do evento. Na primeira edição, o Bateras Day

4 Dados enviados pela Fundação Municipal de Cultura, via online, em janeiro de 2020.

5 Entrevista concedida para a pesquisadora pelo diretor de arte da Fundação Municipal de Cultura, Eduardo Godoy, via aplicativo de mensagens instantâneas, em janeiro de 2020.

contou com 45 músicos, na segunda – em 2016 – foram 70, e na terceira – em 2019 – foram 120 bateristas tocando juntos em uma estrutura montada no Parque Ambiental. O projeto conta com o apoio da prefeitura quanto a estrutura (palco e iluminação) e o pagamento da banda de apoio. Os participantes pagam uma inscrição para a organização do evento - que também é responsável pela escolha do repertório. Assim, são clássicos do rock que tenham a linha acessível para tanto os experientes como aqueles que estejam começando agora possam tocar⁶.

Com o intuito de divulgar o trabalho de profissionais que produzem audiovisual, bem como músicos com material autoral em Ponta Grossa, foi criado o projeto Palco B. Idealizado pelo produtor cultural Danilo Gabriel, é realizado e gravado no Teatro Ópera (concedido pela prefeitura devido a uma lei municipal) de forma colaborativa com diversos profissionais. Os músicos se apresentam ao vivo e é feita a gravação orgânica do show – com mixagem e masterização, mas sem edição de corte. A primeira edição do projeto aconteceu em 2016, em que músicos foram convidados para gravarem alguns de seus trabalhos – de forma gratuita. A segunda edição, 2019-2020, outra produtora passou a fazer parte do projeto, a qual faz o trabalho de assessoria de imprensa e organização fora das filmagens, como elaboração de documento para apresentar aos artistas que participariam do projeto. Nesta edição, o Palco B começou a ser cobrado o valor de R\$ 1.500,00 para a produção do material, que engloba: gravação de cinco músicas/vídeos e assessoria de imprensa. A equipe de produção do material conta com quatro cinegrafistas, fotografia, técnico de áudio, direção de palco e produção executiva.

Todo mundo que trabalha ali está num sistema de *colab*, porque não é o valor integral que você receberia normalmente, eles recebem muito menos do que geralmente cobrariam. Porque uma proposta de realmente ajudar o cenário. Por exemplo: o profissional cobra 500 reais para mixar uma música, e ali no Palco ele cobrou 400 reais por cinco músicas⁷

O Palco B é aberto ao público que quiser assistir as apresentações ao vivo, mediante o pagamento de ingresso. Os vídeos/músicas estão disponíveis no perfil da

6 Entrevista concedida para a pesquisadora pelo músico e organizador do Bateras Day, Ricardo Mattioda, via aplicativo de mensagens instantâneas, em janeiro de 2020.

7 Entrevista concedida para a pesquisadora pelo produtor cultural Danilo Gabriel, Ponta Grossa em janeiro de 2020.

Fluência Cultural no site de compartilhamento de vídeos, YouTube, e serão disponibilizadas também em aplicativos de música, como Spotify.⁸

Os bares também são espaço não apenas de sociabilidade dos membros da cena, como, também, de divulgação dos atores músicos. O Phono Pub, advindo da cultura do vinil, está entre os bares de Ponta Grossa que movimentam esse cenário com atrações todas as semanas. Com o conceito musical/cultural, o local abriu suas portas em 2014 apresentando muito rock, mas também jazz, blues, folk e MPB⁹. E para valorizar os artistas autorais locais, o espaço criou o projeto Antes que o Mundo Acabe, em parceria com o coletivo Artemoia – que faz a curadoria dos artistas que irão participar. “O projeto tem como objetivo fortalecer a arte autoral local, música, cinema, teatro, enfim todo e qualquer tipo de arte, a um preço justo, e que de acesso a todos os públicos”¹⁰. A escolha dos artistas é feita tanto com base naqueles que estão produzindo material cultural na cidade como, também, por meio de indicações e material enviado.

Outro ponto de encontro de bandas, produtores, músicos e público é o Baviera, um dos mais tradicionais bares de Ponta Grossa, inaugurado em 1994. Entre os eventos produzidos pelo bar, sendo uma das maiores festas da casa (com média de público de 800 a 1000 pessoas por edição), está o Festival de Verão, que acontece desde 2015, em um final de semana de janeiro, promovendo os artistas locais e a diversidade. Nas seis edições do evento, foram escolhidas bandas de diferentes estilos, mas essencialmente o rock. “Muitas das nossas bandas parceiras gostam muito de tocar nos festivais, pela visibilidade e também pela energia da festa e do público, que é realmente diferente. Então usamos também o Festival para tornar boas bandas mais conhecidas”¹¹.

Com nome que faz referência ao lendário bar CBGB em Nova York, EUA, o que antes era o “Bar do Regis” passou a se chamar CBGBar, em 2014. Com o conceito semelhante ao de seu idealizado norte-americano, o bar de Ponta Grossa tem a cara do rock e abre espaço para a apresentação de bandas locais, especialmente com músicas

8 *idem*

9 Entrevista concedida para a pesquisadora pelo proprietário do Phono Pub, Silvio Mendes, via aplicativo de mensagens instantâneas em janeiro de 2020.

10 Entrevista concedida para a pesquisadora pela responsável pelo coletivo Artemoia, Jennifer Oliveira, via aplicativo de mensagens instantâneas em janeiro de 2020.

11 Entrevista concedida para a pesquisadora pelo proprietário do Baviera, Heros Fagundes, via aplicativo de mensagens instantâneas em janeiro de 2020.

autorais. Mais de 200 bandas já passaram pelo CBGBar, que recebe bandas independentes, iniciantes e também aquelas que tem tempo de estrada.

[...] o bar tomou a identidade de segunda casa das bandas e dos clientes, onde a maior divulgação ainda e no "boca-boca". O bar e um ambiente de amigos para amigos, onde o respeito e a base p todo evento a ser realizado aqui, a ideia é de todas as bandas tenham liberdade, para mostrar sua arte. [...]. O propósito do bar e que as bandas cresçam e possam se tornar um sucesso, acredito no potencial delas e o bem que elas trazem as pessoas com o melhor do rock n' roll autoral ou covers. As bandas são extremamente talentosas.¹²

O rock divide espaço com outros estilos no Mercenários GastroBar, espaço inaugurado em 2017 com decoração que envolvem desde guitarras, peças rústicas e carros e motos antigas. Os shows acontecem nas sextas e sábados, prestigiando os artistas locais (D'PONTA WEBNEWS, 2019).

Utilizando, desta forma, a conceituação de Will Straw sobre cena musical, é possível verificar na cidade de Ponta Grossa os elementos necessários para a formação da cena. Os espaços de convívio, os eventos, os festivais – tanto com apoio público como exclusivamente privado -, a mídia, os atores músicos, o público, pessoas que frequentam a cena sem perceber (estão em determinados eventos e/ou bares esporadicamente), os coletivos e organizações que se unem para valorizar a cultura local.

Considerações finais

O conceito de democracia encontra diversas abordagens, conforme seus estudiosos. Dentre elas, está a de que um Estado Democrático de Direito deve proporcionar a seus cidadãos condições para o pleno desenvolvimento de suas capacidades, inclusive as culturais. Cultura, por sua vez, também é um conceito complexo debatido pelos atores. Assim, cada sociedade e comunidade avulta sua própria cultura, sendo que esta não remete a uma perfeição, mas um trabalho de constante reestruturação e um processo cumulativo de experiências e criações dos

12 Entrevista concedida para a pesquisadora pelo proprietário do CBGBar, Regis Daniel Erdmann, via aplicativo de mensagens instantâneas em janeiro de 2020.

indivíduos. Nesta ideia, estão os movimentos culturais com o intuito de garantir os direitos desta esfera, motivando a sociedade no cenário que pode culminar em uma cena.

Para contextualizar o contexto de cena, utilizou-se a argumentação de campos de Pierre Bourdieu. Segundo Bourdieu (2004), os campos seriam espaços que possuem suas próprias regras e leis sociais, bem como luta de forças que podem manter ou transformar esse microcosmo, e agentes com capital – cultural, social, simbólico – que determinam seu reconhecimento perante a sociedade. Pode-se fazer uma ligação deste com a cena musical, temática central da presente pesquisa.

Faz-se uso da argumentação exposta por Will Straw em seus trabalhos para contextualizar a cena musical aqui explanada. A classificação de Straw de cena musical perpassa pela ideia da união de indivíduos em um local determinado e a movimentação destes em outros espaços, bem como as atividades e os locais frequentados, os relacionamentos e a economia gerada a partir desta movimentação (STRAW, 2006). O autor ainda reflete que a cena musical vai além da música e, desta forma, considera-se que ela é uma comunidade em que seus membros compartilham não apenas gostos e afinidades musicais, mas também hábitos e experiências, em locais diversos como bares, eventos, cafés e festivais.

Analisando o exposto anteriormente para a construção deste trabalho, avalia-se que alguns elementos são importantes e cruciais para que exista uma cena musical, e foram estes elementos levados em consideração para verificara a existência na cidade de Ponta Grossa, no Paraná.

Ponta Grossa é um dos municípios mais relevantes do estado, conhecida por ser um polo industrial, universitário e por seus pontos turísticos que trazem pessoas de todo o país para conhecer. Além disso, a cidade também conta com diversos eventos culturais e locais diversificados que atendem gostos diversos.

Entre os eventos importantes, podemos citar o Sexta às Seis, criado primeiramente para controlar o fluxo de pessoas que utilizavam o transporte público e, posteriormente, tornou-se uma das referências para aqueles que gostam de boa música. O Sexta às Seis ficou conhecido como o festival que reúne tribos diferentes, mas, especialmente, os amantes de rock – classificando o evento por este estilo *a priori*. Outro evento relevante neste cenário é o Festival de Música de Ponta Grossa, o qual conta com o palco Sonoridades, que possui o intuito de prestigiar os músicos locais e

seus trabalhos – inclusive autorais. O Festival busca democratizar a cultura, levando apresentações para diferentes espaços, como praças, escolas, calçadão e presídio. Nesta mesma esteira de apresentações gratuitas para toda a população, podemos também citar o Bateras Day, evento promovido por uma escola de baterias da cidade com o intuito de proporcionar aos bateristas uma oportunidade única – tocar em orquestra os clássicos do rock. Para muitos, o evento é a primeira experiência de apresentação, pois participam músicos de todas as idades, com anos de carreira ou que estejam começando as aulas a pouco tempo.

A cena também encontra seu espaço em projetos, como o Palco B e o Antes que o Mundo Acabe. O primeiro, elaborado por uma produtora cultural local com a colaboração de diversos profissionais, busca valorizar os artistas do município por meio de apresentações ao vivo que são gravadas e publicadas em material audiovisual. O segundo é promovido por um pub – aonde ocorrem as apresentações – e um coletivo cultural – que faz a curadoria dos artistas participantes.

Outrossim, a cidade também possui diversos espaços em que a cena se manifesta. Entre eles estão os bares, tanto os dedicados essencialmente ao rock e suas vertentes como os que abrem espaço para vários estilos e gostos musicais. A cena musical do rock perpassa por estes espaços com seus membros se reunindo para ouvir as bandas, conversar e se reunir. São locais de convívio que vão além do próprio cenário, em que este microcosmo pode se manter e/ou se reinventar.

Considera-se, diante de todo exposto, que Ponta Grossa possui uma cena musical do rock não apenas por contar com os elementos anteriormente elencados, mas também por promover o cenário através de eventos. Ainda, a cena musical do rock é reconhecida por seus membros e pela sociedade, possuindo sua identidade e participação de integrantes constantes e, também, de outros que frequentam de maneira esporádica determinados festivais e/ou locais aonde a cena ocorre.

Referências

ANDRADE, Adriana Aparecida de; MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. Projeto Cultural/Musical “Sexta às Seis”, Ponta Grossa (PR): A relação com o Poder Público local e os músicos participantes. **II Simpósio Internacional Interdisciplinar em Ciências Sociais Aplicadas**. 22 a 24 de nov. 2017. Disponível em: <https://sites.uepg.br/simposiocs/Docs/gt2/029.pdf> . Acesso em: 21 jan 2020.

ARROYO, Miguel G. Pedagogias em Movimento – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?. **Currículo Sem Fronteiras**. v. 3, n. 1, jan-jun 2003. p. 28-49. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/arroyo.pdf> . Acesso em: 07 jan 2020.

BEZERRA, Amilcar de Almeida; FERREIRA, Daniela Maria; LA BARRE, Jorge de. Detonando as Fronteiras: notas sobre a formação de uma cena metal na cidade do Recife. **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Recife/PE – 2 a 6 de setembro de 2011. p. 1-15 Disponível em: http://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Bezerra-Cena_Metal_Recife.pdf . Acesso em: 10 jan 2020.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004.

BOURDIEU, Pierre. A Distinção – crítica social do julgamento. **Introdução**. Porto Alegre/São Paulo: Zouk/Edusp, 2007. p. 9-14

CCR RODONORTE. **Cultura em Ponta Grossa**. 2015.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução Viviane Ribeiro. 2 ed. Bauru: EDUSC, 2002.

D’PONTA WEBNEWS. Mercenários: Do rock ao sertanejo, um bar para todos. 2019. Disponível em: <https://dpontawebnews.com.br/2019/09/29/do-rock-ao-sertanejo-um-bar-para-todos/> . Acesso em: 27 jan 2020.

FREIRE FILHO, João; FERNANDES, Fernanda Marques. Jovens, Espaços Urbanos e Identidade: Reflexões sobre o Conceito de Cena Musical. **XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – UERJ – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/315187839/Jovens-EspacoUrbano-e-Identidade-Reflexoes-Sobre-o-Conceito-de-Cena-Musical> Acesso em: 13 jan 2010

GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais na Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. v. 16, n. 47. maio-ago. 2011. p. 333-361. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf> . Acesso em: 07 jan 2020.

GOSS, Karine Pereira; PRUDENCIO, Kelly. O conceito dos movimentos sociais revisitado. **Revista dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. vol. 2, n. 1 (2), jan-jul 2004. p. 75-91. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/viewFile/13624/12489> . Acessos em: 07 jan 2020.

GUERRA, Paula; MOREIRA, Tânia; SILVA, Augusto Santos. Estigma, experimentação e risco: a questão do álcool e das drogas na cena punk. **Revista Crítica**

de Ciências Sociais, n. 109, 2016. p. 33-62. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/6206> . Acesso em: 10 jan 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende... [et all]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JANOTTI JR, Jeder. Partilhas do Comum: cenas musicais e identidades culturais. *In: Entretenimento, Felicidade e Memória*. GOULART RIBEIRO, Ana Paula e outros (orgs). Guararema: Editora Anadarco, 2012, v. 1. p. 253-268

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 22 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. Movimentos Sociais: Abordagens Clássicas e Contemporâneas. **COnline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Ano 1, edição 2, nov 2007, p. 156-177. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17048> . Acesso em: 07 jan 2020.

PONTA GROSSA. **Edital nº 009/2019 Credenciamento de Atrações para o 11º Festival de Música de Ponta Grossa**. 15 de abril de 2019. Disponível em: http://www.pontagrossa.pr.gov.br/files/cultura/edital009_-_retificado.pdf Acesso em: 21 jan 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **A cidade**. Disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/acidade#caracteristicas> Acesso em: 20 jan 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Sexta às seis bate recorde com 94 bandas inscritas. 2018**. Disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/39177> . Acesso em: 21 jan 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PONTA GROSSA. **Prefeitura anuncia 11ª edição do Festival de Música de Ponta Grossa**. 2019. Disponível em: <http://www.pontagrossa.pr.gov.br/node/44206> . Acesso em: 21 jan 2020.

QUEIROZ, Tobias Arruda. **Valhalla, All Black In e Metal Beer** – repensando a cena musical a partir dos bares no interior do Nordeste. Tese. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/35886> . Acesso em: 20 dez 2019.

STRAW, Will. Scenes and sensibilities. **Revista E-Compós**. v. 6. Brasília: Compós. 2006.

STRAW, Will. A importância da ideia de cenas musicais nos estudos de música e comunicação. Entrevista concedida a Jelder Janotti Jr. *In: E-Compós*. Brasília: Compós. v. 15, n. 2, 2012.

STRAW, Will. Cenas Culturais e as Consequências Imprevistas das Políticas Públicas. *In: Cenas Musicais*. Jelder Janotti Jr (organizador). Guararema, SP: Anadarco, 2013. p. 9-23.

TOURAINÉ, Alain. Na Fronteira dos Movimentos Sociais. **Sociedade e estado**. Brasília. v. 21, n. 1, jan-abr 2006. p. 17-28. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922006000100003 . Acesso em: 07 jan 2020.